

## A FIGURA DO PALHAÇO EM FOLIAS DA ZONA DA MATA DE MINAS GERAIS

**Marcelo de Castro Lopes**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

PPGM – Doutorado em Etnomusicologia

*SIMPOM: Subárea de Etnomusicologia*

### **Resumo**

As folias que não se encontram mais no “mundo camponês” descrito por Brandão encontram-se em uma nova rede de relações que implica, entre outras mudanças, na redefinição de papéis. É neste contexto que o presente trabalho tem por finalidade investigar a figura do palhaço e suas relações com processos em curso em folias de reis nas cidades de Rio Pomba e Juiz de Fora, ambas situadas na Zona da Mata do estado de Minas Gerais. Descrita na literatura sobre o assunto, a ampla gama de variações locais e regionais apresenta várias versões, muitas delas conflitantes sobre representações e funções da enigmática figura mascarada presente em muitas folias. Ao longo do trabalho busco confrontar a literatura sobre palhaços com os dados obtidos em campo durante a pesquisa que desenvolvo atualmente sobre as práticas de folias na Zona da Mata de Minas Gerais. Embora encontrando-se as folias de Juiz de Fora e a folia de mestre Célio em Rio Pomba em contextos muito distintos, o palhaço funciona como elemento comum para a análise de processos em curso em ambos os casos. As relações com as novas gerações, os meios de comunicação de massa e o poder público são aspectos comuns a estes dois universos e passam pela figura do palhaço. As reflexões de Bitter sobre os aspectos de marginalidade, ambigüidade e questionamento da ordem por parte da figura do palhaço serão de grande importância para a análise da relação dos jovens de Juiz de Fora com este elemento e por consequência com a folia de uma forma geral. As idéias de Appadurai lançam luzes sobre a construção de projetos para sua folia elaborados por mestre Célio, onde a figura do palhaço desempenha papel estratégico de grande relevância.

**Palavras-chave:** Folia de Reis; palhaço; Zona da Mata; Rio Pomba; Juiz de Fora.

O presente trabalho tem por finalidade investigar a figura do palhaço e suas relações com processos em curso em folias de reis nas cidades de Rio Pomba e Juiz de Fora, ambas situadas na Zona da Mata do estado de Minas Gerais. Descrita na literatura sobre o assunto, a ampla gama de variações locais e regionais apresenta várias versões, muitas delas conflitantes sobre representações e funções da enigmática figura mascarada presente em muitas folias. Ao longo do trabalho busco confrontar a literatura sobre palhaços com os dados obtidos em campo durante a pesquisa que desenvolvo atualmente sobre as práticas de folias na Zona da Mata de Minas Gerais. Embora encontrando-se as folias de Juiz de Fora e a folia de mestre Célio em Rio Pomba em contextos muito distintos, o palhaço funciona como



**I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música**

XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO

Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010

elemento comum para a análise de processos em curso em ambos os casos. As relações com as novas gerações, os meios de comunicação de massa e o poder público são aspectos comuns a estes dois universos e passam pela figura do palhaço. As reflexões de Bitter sobre os aspectos de marginalidade, ambigüidade e questionamento da ordem por parte da figura do palhaço serão de grande importância para a análise da relação dos jovens de Juiz de Fora com este elemento e por consequência com a folia de uma forma geral. As idéias de Appadurai, que investiga as relações entre práticas culturais e mídia de massa, lançam luzes sobre a construção de projetos para sua folia elaborados por mestre Célio, onde a figura do palhaço desempenha papel estratégico de grande relevância.

Desde 2002 acompanho a folia de mestre Célio em Rio Pomba. Ali a figura mascarada e irreverente do palhaço encontra-se em estado de relativa ausência. Ausência física, mas não no saber e no imaginário de foliões e devotos. Estes demonstram conhecer a enigmática figura, ainda que esta não integre nenhuma das folias observadas e relatadas originárias da região. Pode-se supor que este conhecimento tenha sido levado tanto por visitas de folias de outras regiões que possuíam palhaços como através de relatos e pelos meios de comunicação de massa. Dona Teresa, septuagenária moradora de Rio Pomba, lembra com admiração a folia de seu Joaquim Luzia em seus tempos de mocinha, antes de seu casamento. Em 2010 ela celebra 60 anos de sua união com seu Lulu Serafim. Já naquele tempo, segundo ela, não havia palhaços na folia de seu Joaquim Luzia em Rio Pomba. Segundo mestre Célio, o fato de as folias da região não possuírem palhaço está ligado a uma determinação legal. Esta determinação teria sua origem num episódio ocorrido em um passado distante. No entanto, parece ter sido marcante o suficiente para estender esta restrição não só a folias de Rio Pomba como a de cidades próximas:

Antigamente tinha palhaço. Hoje diz que não pode ter, né? Diz que não pode. Eu tinha vontade de pôr. Diz que pela lei não pode mais, né? Porque diz que o palhaço chegava na casa, ele ia chegando, ia entrando. Ele ia andando nos cômodos da casa, onde fosse, ninguém podia falar, impor, falar nada, sabe? Ele tava fazendo farra, né? Mas dizem, eles fala, os antigos falam que...falavam que sumiu um negócio, não sei o que, numa casa e jogaram culpa no palhaço. Então, aí, deu problema com a Justiça, aí a lei cortou. Não pode pôr palhaço mais, não. Por causa disso. Mas o certo é ter o palhaço. Os palhaços faz a farra, né? Alegria a molecada, né? (Depoimento gravado em junho de 2006 na cidade de Rio Pomba-MG)

A descrição feita por Célio das atitudes do palhaço quando entrava em uma casa está em acordo com a relatada por Reily (2002). Ela comenta certas “licenças” concedidas aos palhaços como a de pedir coisas que estão no interior da casa. Aquilo que lhes for concedido, eles colocam em suas bolsas e lhes pertence. A autora também registra outra “licença” concedida aos palhaços: se



forem trancados em um cômodo da casa, têm o direito de destruir o que estiver ao seu alcance. Há ainda foliões que alegam ser o palhaço a única figura da folia que pode manusear dinheiro durante a jornada, devendo ser ele aquele que recebe as doações feitas em dinheiro. Não é difícil imaginar situações de conflito envolvendo o palhaço e devotos, ou mesmo o palhaço e outros integrantes da folia, em função da posse de bens ou de dinheiro. Embora não se tenha registro de quando teria acontecido esta “proibição” da figura do palhaço na folia em Rio Pomba, podemos supor que este episódio só pode acontecer em um contexto de mudança. As “licenças” da folia já não são aceitas por todos. A folia teve que se adaptar a uma nova realidade em que suas práticas se chocaram com uma mudança na postura de devotos. Recebem a folia, mas não aceitam certas práticas dessas. E a intermediação dessa relação é feita não pela autoridade da Igreja ou do mestre da folia, mas pela Justiça. No dizer de mestre Célio: “(...) deu problema com a Justiça, aí a lei cortou”.

Mas o desejo de Célio de ter um palhaço em sua folia pode vir a se concretizar. Sendo sua folia a única em atividade em Rio Pomba, passou a despertar, muito recentemente, o interesse da atual administração municipal. Em recente encontro com um representante do Departamento de Cultura da cidade, Célio recebeu promessa de apoio para sua folia no que se refere a melhorias em sua indumentária e participação no Encontro de Anual de Folias na cidade de Juiz de Fora (Encontro anual organizado pela Associação de Folias e Charolas de Juiz de Fora com o apoio da administração municipal. A cidade de Juiz de Fora dista 75 Km de Rio Pomba). Cabe aqui uma breve descrição da atual situação da folia de Célio em Rio Pomba. Não houve, desde que Célio começou a sair com sua folia em 1998, ação concreta por parte do poder público no sentido de apoiar sua folia. O pai e o avô de Célio eram foliões. Porém, seus filhos não demonstram interesse em dar continuidade à tradição. A média de idade dos integrantes é elevada e não há jovens ingressando. O número de casas dispostas a receber a folia em Rio Pomba é cada vez menor. A primeira fala de Célio após seu encontro com o representante da Prefeitura foi no sentido de reiterar seu desejo de ter um palhaço em sua folia. O desejo de Célio de participar do Encontro de Folias de Juiz de Fora se relaciona à visibilidade midiática deste evento uma vez que recebe cobertura de rádios, jornal e televisão local. Célio imagina que através do aumento da visibilidade de sua folia possa encontrar apoio (em suas palavras “um patrocinador”). Especial destaque é dado à figura dos palhaços na cobertura midiática do Encontro de Juiz de Fora. É possível propor que o desejo de Célio de ter palhaço em sua folia esteja associado ao que Appadurai (1997) chama “imaginação como fato social”. O avanço tecnológico da mídia eletrônica, a multiplicidade de formas como ela se apresenta e o volume de informação veiculado por estes meios, “impele” o trabalho da

imaginação ao gerar “fontes” para a auto-imaginação como projeto social cotidiano. A visibilidade midiática das folias de Juiz de Fora traz até Rio Pomba suas indumentárias luxuosas e o prestígio de seus palhaços. O desejo de Célio de encontrar apoio articula-se com seu desejo de implementar mudanças em sua folia. Muitas delas inspiradas em informações que lhe chegam via meios de comunicação de massa. Seu desejo de uma indumentária mais luxuosa e a inclusão de palhaço em sua folia, bem como a própria busca por apoio encontram-se neste universo de relações. Na medida em que o prestígio das folias de Juiz de Fora — que possuem apoio da Prefeitura e visibilidade midiática — chega até Rio Pomba via meios de comunicação de massa, estas e outras informações trazidas por estes meios passam a integrar as reflexões de Célio e de outros integrantes sobre as práticas de sua folia, bem como seus projetos de mudanças

Em Juiz de Fora a situação das folias é bem distinta de Rio Pomba. O X Encontro de Folias Reis, que aconteceu no dia 9 de janeiro de 2010 no Parque Halfeld, região central da cidade, atraiu muitas centenas de pessoas. Boa parte deste público era constituída por jovens oriundos dos bairros de origem das folias. Havia manifestação de uma intensa torcida, principalmente por parte do público feminino jovem, embora não houvesse uma disputa oficial por premiação entre as folias. Era grande o alvoroço que tomava conta das jovens que se aglomeravam em frente ao palco durante a dança dos palhaços. Uma plataforma foi colocada em frente ao palco para que os palhaços pudessem fazer suas exibições. O número de palhaços variava entre quatro e oito. O folião Geraldo Cirilo, membro do conselho fiscal da Associação de Folias confirma a preferência das jovens pela figura do palhaço: “As mocinha ficam doidas com os palhaços” As vestimentas e máscaras dos palhaços das folias de Juiz de Fora são ricamente adornadas. Todo esse luxo é explicado, em parte, pelo fato de que as folias em Juiz de Fora recebem uma verba anual da prefeitura que é investida principalmente na indumentária dos grupos, como informa Adão da Silva, mestre folião da folia do bairro Bela Aurora. “Os mais caros, pra ter mais evolução no grupo, os mais caros são os palhaços, os mascarados que saem, sabe?” Este papel de destaque dado aos palhaços nas folias também pode ser verificado no relato de outros pesquisadores. Castro & Couto, em sua pesquisa sobre folias fluminenses, afirmam que “O palhaço constitui a grande atração popular da folia — e é incalculável o número de crianças que se aglomeram à sua volta, quando a bandeira se detém à porta de alguma casa amiga, ou encontrando outra folia na estrada, pára, a fim de trocar as saudações de praxe.” (CASTRO & COUTO, 1977, p. 15). Daniel Bitter, em seu estudo sobre objetos rituais nas folias, afirma que: “No Estado do Rio de Janeiro sua presença é obrigatória e esperada com grande expectativa pelos donos das casas e pelo público em geral” (BITTER, 2008, p. 151).



Mas o que representa a figura mascarada no universo simbólico das folias? Wagner Chaves registra que os palhaços das folias que visitou no médio Paraíba, entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, são associados a figuras como Diabo, Exu e Satanás. Segundo ele, esta associação se dá em função da forte presença de cultos afro-brasileiros na região. Ali os palhaços são descritos por ele como “ambíguos, perigosos, e na maioria dos casos, associados a figuras do imaginário umbandista como os exus” (CHAVES, 2008, p 83). Tachico, mestre da folia pesquisada por Chaves em Rio das Flores, no interior do estado do Rio de Janeiro, confirma esta proximidade entre a figura do palhaço e a de Exu (entidade presente em cultos afro-brasileiros, popularmente associada à figura do Diabo). Na fala de mestre Tachico: “Sempre tem semelhança com o Homem...é tanto que eu corto a cachaça porque Exu gosta de cachaça, né?” (Idem). Esta mesma identificação foi registrada por Castro & Couto na fala do palhaço Bredegues, da Folia Oriente Santa Maria (Caxias/RJ), que ao término da jornada despediu-se de sua vestimenta com as seguintes palavras: “Despeço da minha farda/De todo o meu coração/Porque ela a mim não pertence/E é da parte do Cão” (CASTRO & COUTO, 1977, p. 14).

Reily, citando o relato de seus informantes, nos coloca diante de uma série de visões, muitas vezes antagônicas com relação ao que representa o palhaço na folia. Seu Antonio Mariano, de Areceburgo (Minas Gerais), fala em sentimento de respeito aos palhaços ao afirmar que estes eram espiões de Herodes e que teriam se arrependido de seus pecados tornando-se então os “guardas da bandeira”, (REILY, 2002, p. 72). Esta visão é contestada por outros foliões como João Pacas, de Batatais (São Paulo), que afirma serem os palhaços os próprios reis magos, disfarçados para, desta forma, enganar àqueles que perseguiram o menino Jesus a mando de Herodes. Esta versão é semelhante à de foliões de Jequitibá, região central de Minas Gerais, relatada por Gomes Pereira. Neste caso as máscaras estariam envolvidas em uma troca de identidades entre os próprios reis magos para enganar os enviados de Herodes que buscavam interceptá-los para interrogar sobre o paradeiro do menino Jesus. (GOMES PEREIRA, 1994, apud CHAVES). Também em Mossâmedes, no estado de Goiás, Brandão relata a identificação do palhaço com os soldados de Herodes, como fica claro nos seguintes versos de folia cantados pelo embaixador Zé do Tito em 1976: “Aí está nosso boneco/ tá ajoelhado no chão/ ele vinha perseguindo/ pra Jesus pedir perdão” (BRANDÃO, 1977, p. 33).

Mestre André, presidente da Associação de Folias e Charolas de Juiz de Fora, ciente das várias interpretações dadas à figura do palhaço em diferentes contextos, faz o seguinte relato: “na nossa tradição são os soldados de Herodes que perseguiram os magos do oriente para matar Jesus Cristo a mando de Herodes”. Não há em seu relato menção ao arrependimento e conversão dos perseguidores. Em função de representarem a encarnação do Mal, são apontados por André como a

“figura de Satanás”. André faz uma perspicaz interpretação ao estabelecer uma comparação entre o disfarce do Mal representado pelo palhaço — com suas roupas coloridas e a alegria de seus movimentos — com o universo contemporâneo onde, em suas palavras, “o Mal vem disfarçado de alegria”. Confirma, no entanto, sua função de guardião do grupo e a proibição de entrarem nos lares ou nas igrejas enquanto estão caracterizados. “Só sem a máscara”. Wagner Chaves ressalta a importância do mascaramento no processo de suspensão de uma identidade socialmente reconhecida e incorporação de outras identidades por parte dos palhaços, bem como a reversibilidade deste fenômeno, num processo descrito por ele como dinâmica identitária paradoxal pois, a um só tempo, “exibe e oculta, revela e esconde” (CHAVES, 2008, p.78). Entretanto, Bitter chama a atenção para o fato de que a identidade de um palhaço não se limita a sua máscara. Daí o fato de ser possível reconhecer um palhaço por sua maneira de dizer os versos, sua expressão corporal, enfim por elementos que caracterizam seu “estilo”. (BITTER, 2008)

Mestre André revela ainda uma importante função do palhaço no contexto das visitas da folia a residências em Juiz de Fora e cidades vizinhas. Cabe ao palhaço, que fica do lado de fora da casa, impedir a entrada de pessoas que não pertençam à família visitada. Este procedimento, segundo André, visa evitar situações como aquela descrita por mestre Célio em que um palhaço teria sido acusado de furto:

...eu to cantando aqui na sua casa. Um palhaço meu vai ficar no portão. Só entra aqui componente da folia e o dono da casa. No momento em que eu estou...no tempo que eu estou cantando aqui não entra ninguém. Por que? Porque a folia de reis está cantando aqui. Você tá com seu objeto, ou celular, alguma coisa. Se deixar todo mundo entrar, na hora que a dona da casa dar falta de um real, ou de um relógio, uma coisa, um objeto fácil de pegar, ela não vai falar que entrou uma multidão na casa dela. Vai falar que entrou uma folia de reis na minha casa. Então essa folia de reis vai estar como alvo de roubo. (Depoimento gravado em janeiro de 2010 em Juiz de Fora)

Assim como a intermediação da justiça para o trato de questões relativas a folias, descrita por Célio, também esta função de responsável pelo controle de entrada e saída de pessoas das casas cumprida pelos palhaços da folia de mestre André revela uma adaptação das práticas da folia a um novo contexto. Em um espaço onde não vigoram com a mesma universalidade as relações simbólicas do “mundo camponês” descritas por Brandão (BRANDÃO, 1980), e que tem por característica o anonimato que permeia boa parte das relações nas cidades de médio e grande porte (REILY, 2002), os palhaços de folias juizforanas passam a desempenhar função não mencionada na literatura. Função esta que por uma lado é nova — controlador da entrada e saída de pessoas da casa

de devotos — mas por outro pode ser encarada como um desdobramento da já mencionada função de proteção da bandeira e dos foliões, na medida em que visa resguardar o grupo de problemas que possam comprometer sua missão

Outra importante função do palhaço em Juiz de Fora parece estar ligada ao seu papel na continuidade da tradição na cidade. Como afirma Sarlo, ao abordar a relação entre jovens e cultura popular, “sem jovens não existe possibilidade de transmissão cultural” (SARLO, 2006, p.107). Diferentemente de Rio Pomba, onde o desinteresse das novas gerações compromete a continuidade da folia, pode-se afirmar que em Juiz de Fora a folia é cada vez mais um lugar de jovens. Tanto como integrantes quanto público. A palavra “devoto” foi evitada aqui por dois motivos. Em primeiro lugar por referir-se também à presença destes jovens em espaços não rituais como os Encontros de Folias realizados em praça pública. Em segundo lugar para enfatizar uma série de novidades introduzidas pelos jovens de Juiz de Fora com relação ao comportamento de fiéis que encontramos descritos na literatura. Embora não tenha sido possível até aqui avaliar o grau de comprometimento religioso dos jovens envolvidos com as práticas das folias — o que nos permitiria avaliar se está em curso um processo de secularização ou novas formas de comportamento religioso — o que podemos afirmar é que trata-se de uma postura bem diferente daquela verificada nas atitudes de um devoto tradicional. Parece claro que estas novidades se dão na medida em que estes jovens introduzem elementos oriundos de outros contextos culturais vividos por eles na prática da folia. Assim, o comportamento quase histérico das jovens durante a dança dos palhaços, a dança e a bebida durante o cortejo da folia, a utilização de adereços como óculos escuros e chapéu panamá por parte de jovens integrantes de folia, a apresentação de coreografias durante o Encontro de Folias são sinais exteriores que dão pistas sobre o olhar dos jovens juizforanos sobre a folia. Segundo o relato de André Brasilino, a maciça presença de jovens nas folias de Juiz de Fora é fenômeno recente, que veio na esteira da criação da Associação (há menos de dez anos), e das conquistas de espaço e visibilidade no cenário cultural de Juiz de Fora. Isto aponta para a construção de novas identidades de foliões em Juiz de Fora em função da chegada destes jovens que trazem consigo um novo olhar e toda uma bagagem de informações oriundas de suas experiências adquiridas em outros contextos e práticas culturais. Não é objetivo deste trabalho esgotar a discussão de fenômeno tão complexo, mas é importante ressaltar o papel chave que tem o palhaço neste processo. As observações de campo e as falas dos atores deixam clara a posição do palhaço como elemento de atração de jovens para as práticas da folia. Não é raro encontrar na literatura o papel do palhaço na iniciação de jovens foliões. Muitos começam na folia como palhaço e migram para a função de músicos e mesmo de mestres. Porém, as reações que os palhaços provocam nos jovens e nas jovens de Juiz de Fora são muito

diferentes do medo e fascínio das crianças assim como do divertimento que o lado jocoso do palhaço provoca em adultos, conforme descrito na literatura. O que provoca a apresentação dos palhaços — não só no contexto do Encontro de Folias, mas ali potencializado em função do grande número de assistentes — assemelha-se ao verificado entre adolescentes quando da apresentação de artistas de grande visibilidade midiática. A identificação dos jovens de comunidades da periferia da cidade de Juiz de Fora com a figura do palhaço se dá tanto enquanto “público” quanto *performers*, na medida em que a grande maioria dos palhaços é também formada por jovens. Podemos encontrar alguma luz sobre este fenômeno nas reflexões de Bitter. O autor pensa a brincadeira do palhaço como o “lugar potencial da subversão, da desordem (ou de uma outra ordem), da criatividade, em contraste com a formalidade e a solenidade do canto, da música, das palavras e dos gestos dos foliões”. (BITTER, 2009, p151). A ambigüidade e indefinição da figura do palhaço — evidenciadas em oposições como representar o perseguidor do menino Jesus e ser ao mesmo tempo o protetor da bandeira — de certa forma lhe confere uma posição de questionamento das normas sociais. Bitter descreve como jovens soldados do tráfico entraram no jogo de brincadeiras do palhaço no morro da Mangueira em 2004 ao apontarem suas armas para os palhaços e soltarem fogos durante sua passagem. A ofensa e desrespeito presentes na visão dos foliões sobre o episódio não deve ocultar um ponto chave que é o fato de que aqueles jovens se sentiram mobilizados a uma forma de participação em função da presença dos palhaços. Não apontaram suas armas para os foliões ou para a bandeira. Buscaram formas de interagir com as figuras mascaradas, utilizando-se dos recursos violentos do universo em que se encontram imersos. A ambigüidade e marginalidade do palhaço encontraram reconhecimento e possivelmente identificação nos jovens que também se encontram neste espaço definido por Bitter como de liminaridade onde ocorre uma amplificação de rupturas e contradições. Ao estabelecer uma relação entre a figura do palhaço e os jovens soldados do tráfico de Mangueira, Bitter diz: “É curioso notar, por outro lado, que algo de vulnerável, ambíguo e marginal parece também caracterizar o comportamento e a posição social destes jovens embrenhados nas veredas subterrâneas e liminares da ilegalidade”. (BITTER, 2008, p.147). Mas ao mesmo tempo em que ameaça a ordem, que se coloca como lugar da subversão, ali também é o espaço da criatividade, da possibilidade de criação de uma nova ordem. Promessas de riqueza poder e prestígio que seduziram os jovens soldados do tráfico de Mangueira também seduzem os jovens foliões e palhaços da periferia de Juiz de Fora, conforme aponta a fala de Tião, jovem mestre de palhaços da Folia do Bela Aurora, ao comentar o interesse dos jovens em integrar a folia: “Tem uns que acham que isso aí dá mulher...Tem uns que acha que vai ganhar dinheiro...aí comigo ta enrolado, entendeu? Tem uns que acha que é bom no negócio, que vai ganhar um nome, ter um nomezinho na boca do povo aí” (Depoimento gravado em janeiro de 2010

em Juiz de Fora). A ausência do componente devocional na fala de Tião também é indício da forma como se dá o processo de identificação dos jovens da periferia com as práticas das folias de Juiz de Fora e reforça o papel central do palhaço — com seu caráter marginal, ambíguo e questionador — neste processo. Também estes jovens se encontram nesta posição marginal e ambígua, talvez duplamente, pois enquanto jovens buscam sua inserção em um mundo adulto ao qual ainda não estão completamente integrados, e enquanto moradores da periferia estão inseridos em um contexto social que sob vários aspectos os exclui. Sua condição periférica não se limita ao aspecto geográfico na cidade. O que está disponível para outros grupos sociais não está disponível para eles. E o questionamento, de certa forma aspecto inerente ao jovem, pode ser potencializado por esta condição de exclusão.

Voltando a Rio Pomba. Como vimos, a fala na qual Célio afirma que o palhaço “alegra a molecada” pode indicar mais do que apenas uma constatação desta função desempenhada pela figura mascarada. O desejo de Célio de possuir palhaços em sua folia parece estar ligado a uma estratégia sua para conquistar o interesse das novas gerações sobre as práticas da folia. O palhaço pode representar um elo de identificação dos jovens de Rio Pomba com a folia. Atento aos processos em curso em Juiz de Fora, certamente não escapou a Célio o papel de destaque dado aos palhaços naquela cidade, bem como a relação de identificação dos jovens com sua figura. Na medida em que o desinteresse dos jovens em Rio Pomba representa séria ameaça à continuidade da folia, a figura do palhaço pode significar uma possibilidade de saída para esta situação. No momento em que a administração municipal acena com a possibilidade de apoio, suas primeiras manifestações de desejo são de participação no Encontro de Folias de Juiz de Fora e de ter palhaço em sua folia. Célio demonstra consciência de que no atual contexto da folia na cidade, o aumento de visibilidade, aliado ao interesse das novas gerações — e estes dois aspectos estão intimamente ligados, na medida em que o aumento de visibilidade também é um importante fator para a atração de interesse dos jovens — representam a possibilidade de dias de maior prestígio para ela, bem como garantia de continuidade.

### Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- BITTER, Daniel. *A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Folia de Reis de Mossâmedes*. Cadernos de Folclore. FUNARTE, 1977.



\_\_\_\_\_. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CASTRO, Zaide Maciel de & COUTO, Aracy do Prado. *Folias de Reis*. Cadernos de Folclore. FUNARTE, 1977.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. *Na jornada dos Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do mestre Tachico*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. Máscara, performance e mímeses: práticas rituais e significados dos palhaços nas folias de santos reis. In: *Textos escolhidos de arte e cultura populares*, v.5, n.1, 2008. INSS 1980-3281. Disponível em <http://www.tecap.uerj.br/> Acesso em: 21 jul. 2010.

LOPES, Marcelo de Castro. *A folia de mestre Célio em Rio Pomba: uma perspectiva etnomusicológica*. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

REILY, Suzel Ana. *Voices of the Magi. Enchanted Journey in Southeast Brazil*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

